

TRIVIAL
VARIADO

RUBEM BRAGA

Erros meus

Ontem me meti a colunista social e comecei por anunciar um próximo casamento. Não, jamais alcançarei a glória dos Tormes, Sueds e Swans: botei o nome da môça errado. Não se trata de Ângela nenhuma, e sim de Camila Amado, cujo autêntico talento teatral já pudemos ver em *As Cadeiras*, de Ionesco, no Copacabana. Boa notícia: Camila ficará sendo Martins, mas vai continuar sua carreira de teatro. Outra confusa que fiz foi com o telefone de Antônio Bandeira. Dei o número 57-0832. A primeira parte (57) está certa, mas a segunda (0832) é de outro Bandeira, o grande Manuel, "bandeira de nossa geração", como dizia o Oswald de Andrade. O pintor Antônio atinge-se pelo telefone 57-1030.

Divirta-se

Carlos Machado lançou no Fred's uma versão comprimida daquele *show O Teu Cabelo Não Nega*, com músicas de Lamartine Babo. Tem umas coisas fracas mas, de um modo geral, está bom; vale sobretudo pela música, pelos figurinos e por algumas mulheres bonitas. Para sentar pagam-se 6 mil cruzeiros por pessoa, e a dose de uísque é na base de 1 500 cruzeiros. Uma sugestão que já fiz há muito tempo: por que não se obriga aqui, como se faz em Paris, Roma e outras cidades, os restaurantes, bares e boates a afixar na por-

ta, na rua, os seus preços? Acho bom para o público e para as casas, pois evita muita discussão na noite.

Aventuras em Paris

Não dou muita sorte com mulher, mas uma vez, em Paris... Bem, aconteceu que entrei em um bar grã-fino e vi, na mesa junto à porta de entrada, uma mulher elegante e lindíssima. Tinha um ar estranho de princesa euro-asiática. Fui para a mesa dos fundos, onde me esperavam uns amigos franceses, e comentei: "Viram, que mulher?" Eles não tinham visto outra coisa; estavam encantados com aquela visão. Pouco depois um garçom se aproximou com uma taça de champanha na bandeja e me ofereceu. "Mandaram-lhe daquela mesa..." Olhei na direção apontada: a mulher fabulosa me sorria. Ergui-me como um só homem (como diz um amigo meu), possuído de emoção indescritível — e foi então que vi, ao lado da mulher, um amigo brasileiro que acenava para mim. Fui lá e ele me apresentou sua companhia: era a Marlene Rosário, da turma do Carlos Machado, que só fui rever ontem, no Fred's...

Os chins

O Delegado Eros Moura declarou a um jornal que são improcedentes "as dúvidas ultimamente surgidas na imprensa quanto

à legitimidade das provas oferecidas contra os nove chineses presos no Rio". Escrevi aqui no dia 10, que a carta atribuída a um dos chineses tinha toda a pinta de documento forjado, e acrescentei: "Acredita-se, nos meios diplomáticos, que a carta em questão foi feita com a ajuda de um agente norte-americano para isso mandado vir expressamente de Hong-Kong."

Não sou advogado dos chineses (acho que é o Sobral Pinto) mas que aquela carta, divulgada muito tempo depois da prisão dos homens, foi forjada, foi. Ora, quem forja uma prova é porque não tem provas autênticas. Devo dizer que também não acreditei naquelas listas de pessoas a matar (umas a tiro, outras na fôrça, outras com injeções venenosas...) e de personalidades brasileiras compradas com milhares de dólares mensais. Tudo aquilo me pareceu muito Fu-Manchu. Meu palpite é que, no fim de tudo isso, o Delegado Eros Moura só conseguirá provar mesmo que os chineses, emissários do Governo comunista de Pequim, são chineses e são comunistas.

Um livro útil

Traz-me um amigo o livro *Traité de la Délation*, de Romain Motier, uma espécie de Manual Prático e Teórico do Dedo Duro, editado na França em 1947. Estou lendo. Os interessados que tenham paciência, que outro dia divulgarei alguns conselhos úteis.

23-7-64